

**por que
você
dança
quando
anda?**

Abdourahman A. Waberi

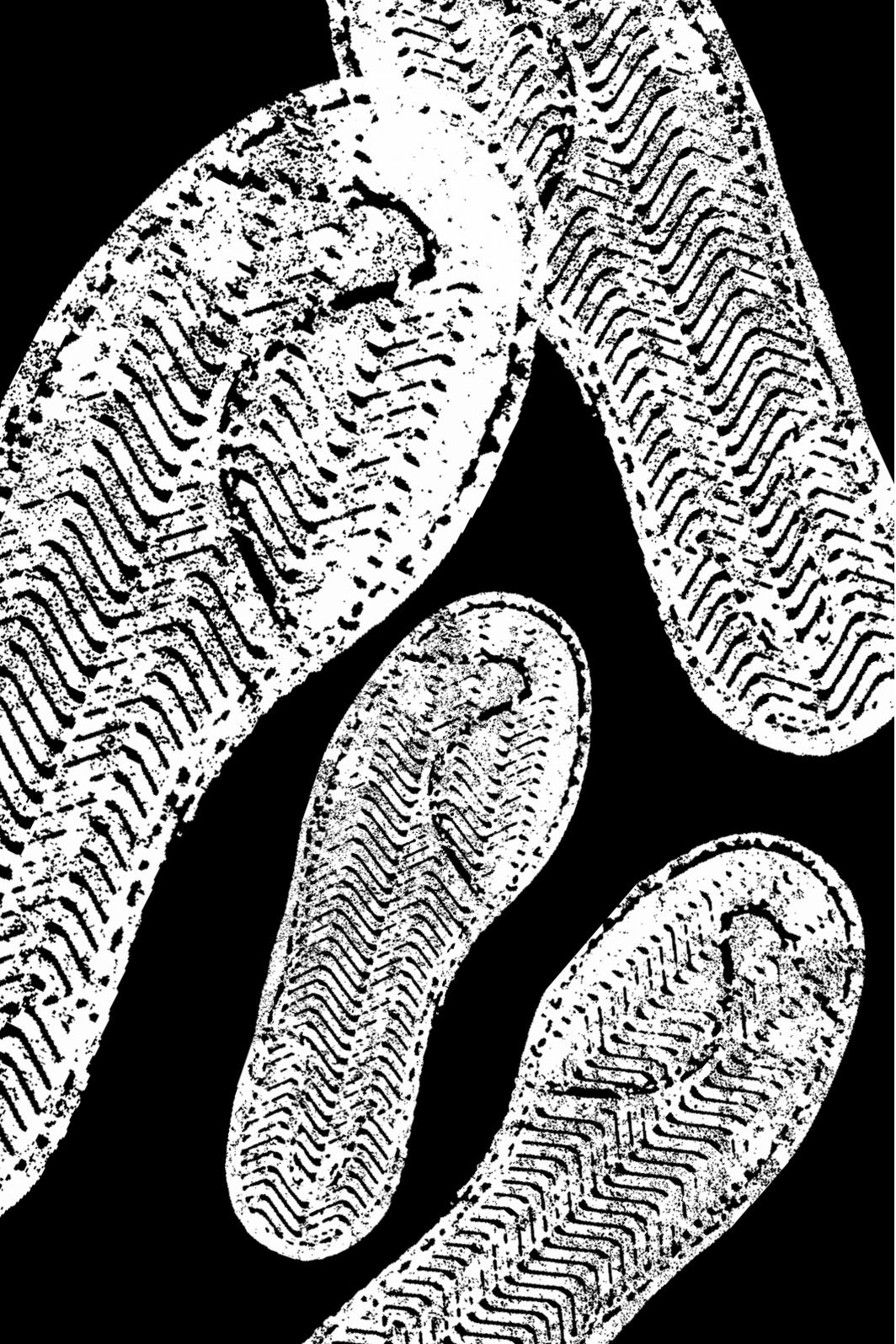
**por que
você
dança
quando
anda?**

tradução

José Almino

Tabla

*Para minha mãe Safia, minha avó Jim'aa,
minha tia Gayibo e meu pai Awaleh.*



“As coisas que imaginamos que são
as mais pessoais são as mais partilhadas.”

CARL ROGERS

Tudo me veio à lembrança.

Eu sou essa criança que nada entre o presente e o passado. Basta que eu feche os olhos e tudo me vem à lembrança. Lembro do cheiro da terra molhada depois da primeira chuva, da poeira dançando nos raios de luz. E me lembro da primeira vez que fiquei doente. Eu devia ter seis anos. A febre me castigou uma semana inteira. Calor, suor e calafrios. Meus primeiros tormentos datam daquela época.

Uma madrugada no início da década de 1970, em Djibuti. A memória me leva sempre a esse ponto de partida. Hoje em dia, minhas lembranças estão menos turvas porque eu soube mobilizar esforços para recuar no tempo e pôr um pouco de ordem na confusão da minha infância.

Noite e dia a febre me fustigava dos dedos dos pés até a ponta do cabelo. Num dia, ela me fazia vomitar. No outro, eu delirava. Eu desconsiderava as palavras e os cuidados dispensados pela família. Julgava mal seus gestos. A minha dor e a minha pouca idade eram responsáveis por isso. A febre brincou com o meu corpo como as meninas do meu bairro com a única boneca de pano que possuíam.

Por seis noites e seis dias, eu tremi. Durante o dia, deramei toda a água do meu corpo estirado em minha esteira; depois, à noite no meu pequeno colchão, também estendido no chão. A temperatura subia ao cair da noite. Eu chorava mais alto. Chamava minha mãe para me socorrer. Impaciente, fervia de raiva. Não gostava quando ela me deixava só. Sob a varanda, os olhos grudados no teto de alumínio. Eu chorava à exaustão. Enfim, mamãe chegava. Porém eu não encontrava mais o menor conforto nos braços de minha mãe Zahra. Ela não sabia o que fazer comigo. Uma decisão, depressa, exigia a pequena voz que se apoderava dela naqueles momentos de pânico.

E aí? Aí ela confiava o pequeno saco de ossos e de dor que eu era a quem aparecesse na frente dela.

Quem? Quem?

Rápido, implorava a pequena voz.

Então ela me jogava como um pacote qualquer nos braços da minha avó,
ou nos da minha tia paterna Dayibo que tinha a idade da minha mãe,

ou no colo de uma empregada que passava.

Depois no colo de outra mulher,

uma tia,

uma parenta,
uma empregada,
ou então uma vizinha ou uma matrona que visitava
minha avó.

Assim, eu passava de braço em braço,
de peito em peito.

Mas eu chorava sempre,
de dor
de raiva
por hábito, também.

O amanhecer chegava quase sempre sem que eu tomasse conhecimento. Eu caía de cansaço. Dormia um pouco, fungando, um sono agitado. Acordava quando os primeiros raios do sol esquentavam o teto de alumínio. Gritava de dor e de raiva, tremendo. E acordava todo mundo.

Minha mãe se levantava de um salto, assoava o nariz longamente. Talvez ela não quisesse que eu a pegasse chorando. Nos seus olhos, eu percebia um raio de pânico que já havia surpreendido no seu rosto.

Lá fora, a cidade já estava animada. Eu escutava as crianças do Château-d'Eau, meu bairro, indo para a escola. Elas tinham um ar alegre, desobediente e barulhento. E eu estendido no meu colchão. Febril. Soluçando de novo.

Em vão, agitava meus braços esqueléticos. Mamãe fungava em silêncio, com um novo raio de pânico nas pupilas. A saída que ela achava era me jogar nos braços da primeira pessoa que aparecia.

Os da minha avó,
ou aqueles da minha tia paterna,
ou nos braços da vizinha.
E depois de outra
e mais outra.
E o circo recomeçava.
O fungar baixinho, o medo pânico, o raio de um instante.
E eu passava de braço em braço.
como um feixe de lenha.
Por que mamãe me detestava tanto?

Essa era uma pergunta que eu não ousava fazer para mim mesmo. Só mais tarde ela se introduzirá nos meus pensamentos.

Se instalará no meu coração. E cavará seu buraco negro.

Todas as manhãs, mamãe me confiava a minha avó, que na adolescência apelidei de Cochise, em homenagem a um célebre chefe indígena.

A avó, portanto.

Era ela o chefe supremo da família. Como uma guerreira apache, fazia valer a lei de ferro sobre suas tropas dispersas. Quase cega, vovó Cochise se quedava ereta e imóvel, atrás de um véu invisível para os outros. Era uma mulher robusta de traços finos, mirrada pela velhice. Tinha a audição, o paladar e o olfato melhores que os de todo mundo. Sua testa era devastada por rugas, sua face mais amarrotada que a pele de um camaleão. Suas sobrancelhas se franziam assim que ela escutava minha voz fina. Tinha o faro de um cão perdigueiro e me farejava antes de me reconhecer. Bastava ela estender os braços e me agarrar pela pele da nuca como uma gata faz com seu gatinho. Sem esforço, ela me

punha no colo. E eu só podia fazer uma coisa: agarrar-me a ela para me acalmar. Não devia me mexer nem derramar uma lágrima. Mas era impossível. Eu havia nascido com os olhos úmidos e vermelhos. Não resistia muito tempo. Implacável, a sanção caía sobre meus ombros.

Cada fungado era seguido de um olhar sombrio e ameaçador. Cada choro, de uma reprimenda. Depois, de golpes de bengala na cabeça, nas clavículas, nos calcanhares. Com um golpe seco, ela sabia me fazer gritar de dor. Eu soluçava, soluçava até sufocar. Os dias se sucediam e eram iguais, naquela época. Eu continha a respiração. Eu lançava meu espírito bem longe como um laço. De cansaço, caía no meio da manhã e enfim adormecia. Os olhos da avó se fixavam nos raros transeuntes cujos passos ela intuía muito antes de eles chegarem até nós. Aqueles homens e mulheres não deixavam de cumprimentar a matrona, que balançava a cabeça depois de cada saudação.

O passante: Como vai o pequeno?

Ela: O Clemente vela por ele; hoje não temos do que nos queixar.

O passante: E os seus velhos ossos?

Ela: Se eles estalam é porque estão vivos.

O passante: Pelos Anjos do Céu, a senhora vai enterrar a todos nós, não é verdade?

Ela: Pode contar com isso.

A tigela de mingau que eu havia ignorado ficava de lado ainda por algum tempo. Quinze minutos depois, fazia a felicidade de algum menininho ou de alguma meni-

nha da vizinhança. Por essa vez, a Avó, solicitada por uns e outros, não me repreendia. Aproximadamente às dez da manhã, a agitação no bairro mudava de patamar. Mamãe chegava do mercado. Ela pegava um tamborete e se aproximava da velha para lhe dar notícias de um parente convalescente, transmitir um recado do imã do bairro ou se queixar do aumento do preço da carne. Vovó a escutava. Nada parecia afetá-la.

Eu não tinha direito a um só olhar de minha mãe. Encolhido aos pés de Vovó Cochise, eu tremia de febre. Sentia rancor daquela mãe que mantinha distância de meu pequeno corpo raquítico na esteira. Tentava me acalmar para dar razão a minha avó e perturbar ainda mais mamãe. Contemplava de um ponto de vista próprio os passantes na rua. Tinha uma vista incrível de uma paisagem singular: as unhas atrofiadas dos dedos dos pés de minha avó.

Eu estava com 45 anos quando você entrou na minha vida, Béa. Filha do desejo, você esperou o tempo necessário antes de vir ao mundo com grande fanfarra.

Quando criança, eu jamais havia tido animal de pelúcia, de palha ou de papelão. Não era um bebê sadio, forte e bem nutrido como você. Era magro e doentio. Para que eu parasse de chorar, só havia uma solução. Minha mãe fez esta descoberta por um acaso extraordinário. As grandes descobertas científicas, como a aspirina ou a pasteurização, são filhas do acaso, sabe-se lá por quê. Uma noite em que estava cansada de me ouvir gemer, minha mãe me imergiu na água fria de uma bacia branca na varanda. Hoje revejo a cena com certa emoção. Ao relatá-la, calafrios agitam meu corpo todo. As lágrimas quase me vêm aos olhos.

Antes de ser posto na bacia, eu havia tido a impressão de sufocar, a garganta fechada. O que se seguia terminava

sempre da mesma maneira: eu tremia de frio, a água fresca amaciava minha pele. Se minha mãe havia chegado a essa solução radical, é que ela recorrera a todos os estratagemas possíveis sem conseguir acalmar o bebê chorão que eu era. À noite, antes de me deitar na minha pequena esteira, ela me contava toda sorte de histórias. Contos sobre meninos obedientes, outros sobre animais dóceis ou plantas afetuosas. As histórias se encadeavam. Nós éramos os dois únicos seres a se agitar enquanto toda a cidade dormia à solta.

Quando você nasceu, Béa, um detalhe me chamou a atenção: você tinha orelhas grandes, um pouco como Barack Obama. Seu pequeno rosto era marcado por seus grandes cílios. Você se mexia muito. Tremendo, examinei seus membros. Graças a Deus você era saudável.

Sob o efeito da dor, ainda meio inconsciente, sua mãe rompe enfim as brumas que a envolviam para me perguntar o sexo do bebê.

Eu, orgulhoso como um pavão: “É uma menina!”.

E você gritou pela segunda vez.

Você se esgoelava por qualquer motivo.

Fazia questão de que sua mãe e eu comêssemos na palma da sua mão. Em matéria de mistura explosiva, você é campeã em todas as categorias. Ao sangue suíço-milanês de sua mãe, acrescenta-se meu sangue africano, que não é nada preguiçoso, porque todos os meus antepassados eram nômades e, ainda hoje, eles continuam a ganhar de todo mundo na corrida a pé.

Aos quatro anos você era uma garotinha sorridente, curiosa e dinâmica. Você se esgoelava por qualquer motivo. Olhos úmidos, Margherita chocava você com um amor expansivo e mediterrâneo. Com ela, você passa facilmente do riso às lágrimas, dos gritos às canções. Juntas, vocês formam uma dupla. É um carnaval permanente. Entre os ímpetos de sua mãe e sua animação, tento achar um meio-termo, calmo e regular como o curso de um rio batavo. Nunca consigo. Nesses casos, só me resta a birra. Fico amuado, mas logo duas vozes se unem para me tirar desse estado.

Quando eu não estava viajando pela província ou pelo exterior, era a mim que cabia o privilégio de levar você à escola. E era eu que ia buscar você na escola no fim da tarde. Eu apreciava muito aquele tempo só nosso, aqueles quinze minutos de trajeto de ida e de volta. Já de manhã, você começava a fazer perguntas. Diabinha de saia, parecia

esquecer que sou lento. Sobretudo de manhã. Eu precisava de algum tempo para atingir o nível da sua conversa. Com quatro anos, você não tinha papas na língua. A agitação da cidade não interferia em nossa conversa particular. Estávamos a sós no mundo. Eu tinha olhos apenas para você, Béa. Ouvidos apenas para a nossa conversa. Uma conversa que você animava com canções e risos, de acordo com o seu humor do momento.

— Papai, medicina é um médico mulher?

— Mmm...

— A minha amiga Laetitia, ela diz que é...

Atravessávamos um pedaço do 10º distrito e três ruas depois chegávamos ao 9º. Quase todos os dias, encontrávamos os mesmos pedestres apressados, os mesmos comerciantes chineses lavando a soleira de seus bares-tabacarias, as mesmas crianças em seus carrinhos, os mesmos adolescentes de patinete. Aos seus olhos, tudo podia se animar como num passe de mágica. A menor coisa atraía sua atenção, tão viva desde que você saltava da cama. Animada, primeiro acenava para os soldados com a mão e depois gritava “Oi, soldados!” para os quatro homens de guarda, de uniforme de combate e metralhadora em punho que percorriam, marchando a passos largos, a rua que conduzia à sinagoga do bairro. Os soldados respondiam às suas saudações. De repente pressentíamos uma impaciência às nossas costas. Alguns passantes franziam a testa, outros se mostravam incomodados porque íamos andando devagar

no nosso pedaço de calçada, em vez de andar na cadência frenética deles. Por que apressar o passo se tínhamos a vida inteira pela frente? Agarradas a seus celulares, aquelas pessoas esbarravam em todo mundo tanto na rua como nos corredores subterrâneos do metrô. Em algumas manhãs estávamos despreocupados e tagarelas, em outras, estranhamente silenciosos. Esses momentos de cumplicidade eram o maior privilégio do dia.

Certa manhã, eu ia levando você para a escola, você me fez uma pergunta com o máximo de atenção e de afeição na voz. Sem prejudicar o objeto da interrogação, eu sabia que aquela pergunta devia ter muita importância para você. E sem dúvida para mim também.

Você fez uma pausa demorada, administrando um longo silêncio que era sinônimo de suspense. Dentro de mim, uma pequena brisa de impaciência começava a apontar. Eu tentava parecer natural. Nenhuma palavra estava autorizada a sair da minha boca enquanto você se mantivesse em silêncio. Estávamos perto da sua escola. Uma passagem para pedestres, depois uma estação Vélip de compartilhamento de bicicletas, e era só atravessar o cruzamento, caminhar pela rua e entrar no prédio com portão azul-brilhante. Lá dentro, os pais frequentemente se surpreendiam com o tamanho modesto do pátio pavimentado, mas também com a brancura das paredes, que dava ao edifício uma aparência elegante.

Da impaciência eu começava a me dirigir para as praias da inquietude. Depois do silêncio você sorriu para

mim, como para interromper minha angústia nascente. De repente, com uma certa brutalidade, perguntou:

— Papai, por que você dança quando anda?

— Hmm...

Minha surpresa não era fingida. Você voltou ao ataque.

— Isso, isso.

Não tive energia para protestar.

— Você dança assim quando você anda, está vendo?

E você, juntando o gesto à palavra, saracoteou na minha frente. Eu tentava pôr ordem nos pensamentos. Aquilo me tocou. Eu tinha uma espécie de véu de umidade diante dos olhos. E a clara impressão de que as paredes de Paris faziam suas palavras ecoar nos meus ouvidos. Eu sentia uma ponta de crueldade em sua voz, Béa. Os antigos nômades que compõem minha árvore genealógica dizem que a verdade sai da boca das crianças e a gratidão, dos olhos da vaca que acaba de parir. Esse provérbio, que até então eu achava idiota, nunca me pareceu tão exato quanto naquela manhã. Você, minha filhinha, você me remetia à verdade com uma dose de afeição não desprovida de firmeza.

Suas palavras continuavam a rodar na minha cabeça.

Eu não podia mais me esquivar.

Ao encetar a última linha reta que leva a sua escola, cumprimentei com a cabeça um dos pais. Você me puxou pela manga do paletó para me mostrar que havia reconhecido o pai apressado. Meu cérebro acabava de dar uma volta para voltar à sua pergunta. E me perguntei por que danço há todos esses anos, quando só havia uma coisa a fazer.

Uma coisa,
uma só.
Andar,
andar direito,
como todo mundo.

No momento em que eu empurrava a porta da escola, você deve ter sentido o meu tormento, porque voltou ao nosso diálogo num tom mais leve.

— Papai, você sabe andar de patinete?

— Não sei... nunca tentei.

— Papai, você sabe andar de bicicleta? Como a mamãe!

—

— Eu sei andar de bicicleta. Nunca vi você numa bicicleta.

A velha foto amarelada pelo tempo foi ideia de Margherita. Ela queria que eu apresentasse meus pais e meus avós a você. Um belo presente para seu aniversário de cinco anos. E você fez sua parte. Passou em revista todos os personagens. Não me surpreendeu quando disse: “Papai, você viu? Sua mãe tem pernas curtas”. Foi esse mesmo o seu primeiro comentário? Nada mais a destacar depois do exame atento da velha foto. *D'accordo*, como diria a inventiva da sua mãe, devo reconhecer que você não está errada quanto à estatura da minha mãe. Quando eu era pequeno, tinha um problema com isso. Passei anos dizendo para mim mesmo que poderia ter sido grande e forte como um viking se minha mãe não estivesse mais próxima de um pigmeu que de um viking. Todas as noites eu saltitava dez minutos antes de me deitar, porque Kassim, um bobão de nove anos da rua Paul-Fort, havia me dito que as árvores utilizavam essa téc-

nica para chegar perto do céu. Meus saltos de cabrito não tiveram efeito. Ao crescer, tive que engolir esse sapo e muitos outros. Você vai ver, Béa, um dia ou outro você terá que fazer a mesma coisa. Essa foto foi apenas o primeiro passo. Você queria conhecer seus antepassados. E tinha razão. Você insistia dia e noite para que eu falasse dos meus pais.

Vou contar para você sobre o país da minha infância. E você vai ficar conhecendo todas as histórias que marcaram meus primeiros anos. Vou lhe falar dos meus velhos pais. Vou lhe falar do meu passado e responder à sua pergunta. Vou lhe falar do deserto em movimento ao redor de Djibuti, minha cidade natal. Vou lhe falar do Mar Vermelho. Vou lhe falar do meu bairro e de seus casebres com teto de folhas de alumínio. Talvez você pense que ele é pobre e sujo e talvez não ouse me confessar isso. A última vez que estive lá ele era de fato muito sujo. Nos becos da minha infância não havia tantas porcarias de plástico.

Na foto, quem você reconheceu primeiro? Zahra, minha mãe e sua avó. Sei que você a viu pela primeira vez numa fotografia. Depois a encontrou em carne e osso na casa do meu irmão caçula, Ossobleh, seu tio de Bordeaux que você adora. Você tinha o quê, dois anos e meio? Ela estava sem alguns dentes na boca? Sabe, por muito tempo aquela mulher foi minha única motivação na vida. Meu amor e meu terror também.

De repente, você arrancou a foto das minhas mãos para aproximá-la da sua carinha rechonchuda. Depois de seus olhos, como se quisesse aumentar num microscópio cada linha, cada grão da pele dos meus pais. Acho que vi uma lágrima no seu queixo. Você acariciava o rosto do meu pai.

Papai la Tige, como eu o chamava quando criança, permanecia ali íntegro e firme como a justiça. Digno e belo. Com seus trinta anos. Um bigode fino da época. Vestia uma calça cáqui bem passada e camisa de manga comprida. A ausência de cor esmaecia a estampa quadriculada da camisa abotoada e ao mesmo tempo ressaltava os dois vincos da calça que desciam até o sapato de um preto brilhante, iluminado por algumas manchas esbranquiçadas. Nuca ereta, traços do rosto descontraídos, os olhos do meu pai fixavam a objetiva. Sem dúvida havia obedecido ao fotógrafo do bairro, habituado a registrar em película as pequenas e grandes alegrias da vida de todos os dias. Você observa que o sorriso dele não é aberto. Como lhe explicar que na época do seu avô não havia selfies nem redes sociais, que as pessoas ficavam em poses solenes, como de primeira comunhão, diante do fotógrafo encurvado? Se o seu avô tivesse tido a ideia absurda de fazer caretas no estúdio do fotógrafo, seria dispensado na hora e o fotógrafo lhe diria para ir fazer macaquices para um concorrente. Por isso ele havia se vestido formalmente para posar diante do fotógrafo. Não de peito nu nem de short ou de sandálias. Nos países quentes, as pessoas se vestem da cabeça aos pés. Somente os ocidentais ficam nus quando sentem o sol esquentar um pouquinho seu couro.